

## DIVERSIDADE BLOQUEADA

Escritores e pesquisadores  
discutem a visibilidade e o  
papel da literatura produzida  
por autores negros no Brasil

ILUSTRAÇÃO: DW RIBATSKI

# DE ESCRITOR PARA ESCRITOR

ANGÉLICA FREITAS

O melhor conselho que já me deram: compre um caderno barato e escreva todos os dias no mesmo horário. Fui à papelaria perto de casa, investi o equivalente a um pingado e um pão na chapa — escolhi um caderno com uma motocicleta na capa e uma caneta esferográfica —, rumei para um café que já frequentava. Pedi um expresso e uma água. Me prometi escrever até acabar a garrafa.

Nos primeiros dias saíam umas coisas estranhas. Mas ia adiante. Enchia as páginas. Pensamentos que apareciam, sonhos, observações da calçada. E um dia pintou um poema. Uma lembrança veio de repente, minhas irmãs e eu jogando basquete num fliperama. E a coisa chegou já em verso, como se alguém me dissesse: escreve isso. Como se me soprasse as palavras.

Voltei pra casa feliz e prestando mais atenção em tudo.

O acontecido me aconselhava, por sua natureza misteriosa, a ficar quieta sobre minhas atividades naquele café da Baronesa de Itu, em Higienópolis.

Naquela época, eu trabalhava em jornal e escrevia todos os dias. Já considerava a prosa uma prática. Quanto mais você pratica, melhor fica. A poesia me acompanhava desde sempre, mas, para escrever poemas, só se a inspiração baixasse. Tudo

mudou quando entendi que inspiração se convoca. E isso aprendi com o caderno-motocicleta.

Você já gastou toda a tinta de uma caneta Bic? Que sensação de dever cumprido.

O que é melhor que começar um caderno? Terminá-lo.

Meu amigo Odyr me disse, certa feita, lá em Pelotas: “Musa é que nem Sedex, se você não está lá, não recebe”. Por Mercúrio, como isso é verdade.

E eu tinha razões para acreditar no Odyr, que passava os dias em casa, entre pincéis e cadernos. Quando ia visitá-lo, ele tinha tinta até no cabelo.

Uma vez, não lembro onde, li uma história sobre o Michael Jackson. Ele estava conversando com amigos, mas não parava sentado. Alguém perguntou: “Man, o que tá pegando?”. “Deus vai dar esta música pro Prince se eu não for agora pro estúdio.”

Porque tem isso, a natureza misteriosa da criação de qualquer coisa. Poesia vem da palavra grega *poiesis*, que em sua origem significava simplesmente “criar”. Uma ode ou um vaso de cerâmica. Tanto fazia.

O quanto é seu ali? O quanto é estar lá? Escreva enquanto descobre.

Para mim a gente é antena.

Gosto de respeitar o mistério. Vem daí uma superstição, proteger o caderno. Ninguém lê meus rabiscos até que os passe a limpo.

Das manhãs com um expresso e uma água, no café da Baronesa, saiu



Angélica Freitas durante oficina de poesia ministrada em novembro na BPP

o meu primeiro livro. O segundo, escrevi em casa. Passava um café e, na mesa da cozinha, abria o caderno. Alguns dias caí da cama e escrevi na sala, sem café nem nada.

Continuo escrevendo de manhã, sempre à mão, nos cadernos. É a

melhor ocupação que existe. Sou grata a Maria Luiza Mendes Furia, poeta que um dia me emprestou um livro chamado *Writing Down the Bones*, da escritora Natalie Goldberg. Desse livro é que veio o conselho: no centro do caos, escreva. Compre um caderno. ■

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**  
Secretário da Comunicação Social e da Cultura: **Hudson José**  
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná: **Ilana Lerner**  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**  
Editor: **Omar Godoy**  
Redator: **João Lucas Dusi**  
Estagiária: **Leticia Pille**  
Projeto gráfico e design: **Thapcom**

**Colaboradores desta edição:**  
Amarildo Henning, Angélica Freitas, Carlos Henrique Schroeder, Carolina Braga Ferreira, DW Ribatski, Guto Andrade, Kraw Penas, Regina Zilberman, Ronaldo Cagiano, Tereza Yamashita e Yasmin Taketani.  
**Redação:**  
imprensa@bpp.pr.gov.br  
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:  
📄 [candido.bpp.pr.gov.br](http://candido.bpp.pr.gov.br)  
📄 [/jornalcandido](https://jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação:  
📄 [bpp.pr.gov.br](http://bpp.pr.gov.br)  
📄 [bibliotecapr](https://www.facebook.com/bibliotecapr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba - PR  
Horário de funcionamento  
Segunda a sexta: 8h30 às 20h  
Sábado: 8h30 às 13h

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam a opinião do jornal.

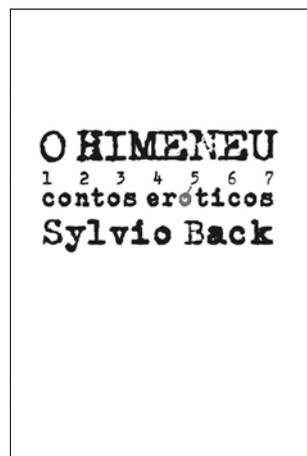
# cândido indica

Os livros comentados nesta seção estão disponíveis para empréstimo na Biblioteca Pública do Paraná. Todas as obras enviadas para a redação do Cândido são submetidas à avaliação e incorporadas ao acervo da BPP.

## O HIMENEU: CONTOS ERÓTICOS

**Sylvio Back, Kotter Editorial, 2019**

Em seu mais recente livro de contos, *O Himeneu*, Sylvio Back, conhecido também por sua produção no cinema, traz uma coletânea de histórias cômicas e privadas, daquelas que só acontecem entre quatro paredes — não necessariamente as do quarto. Não por acaso, seu livro recebe o nome desse que é uma espécie de “arroz de festa” grego, assim como a narrativa inicial, que trata de um casório apressado seguido da esperada primeira vez do casal. Divertidos e eróticos, têm muito *baby*, muito *darling*, um passeio por Curitiba em três atos, cama *king size*, massagem tântrica, uma ligação safada e primeiras experiências com os “peitões da Jane Russel”.



## AVDAVIDA

**Claufe Rodrigues, Editora Coralina, 2019**

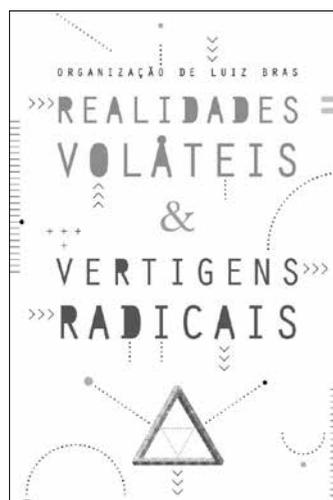
Em seu décimo livro de poemas, Claufe Rodrigues aposta em versos mais rentes ao chão, “roçando a pele do real”: “Uns carentes / outros contentes / somos todos sobreviventes”. Não se vê muita luz na voz do eu lírico, e isso fica ainda mais forte quando ele resolve brincar com um poema clássico como “No Meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade: “No meio do caminho tinha um tiro / Tinha um tiro no meio do caminho”. O símbolo da pedra como empecilho, como aparece no trabalho de Drummond, é substituído, aqui, por algo mais cruel e visceral — o tiro, a violência humana, mundana. E, como saldo final desse pungente existencialismo que perpassa o livro, ainda fica o lembrete: “Não há vida após a morte”.



## REALIDADES VOLÁTEIS & VERTIGENS RADICAIS

**Luiz Bras (Org.), Alink Editora, 2018**

Não é que as previsões para o futuro sejam o cerne da ficção científica, mas, com os autores atirando para todos os lados e sem descanso, praticando “exageros descontrolados”, como Luiz Bras pontua no texto de abertura desta coletânea, eventualmente um ou outro acaba acertando o alvo — o que, por consequência, confere à FC a qualidade de “premonitória”. Nas 25 narrativas que compõem estas *Realidades Voláteis & Vertigens Radicais*, nomes como André Cáceres, Tereza Yamashita, Gláuber Soares e Lorena Ribeiro oferecem, ainda segundo as palavras do organizador da obra, “dicas de como sobreviver num mundo coordenado pelos mais espantosos eventos e tecnologias”.



## O LIVRO DAS COISAS MENORES

**Antonio Cescatto, Editora 7Letras, 2019**

Propondo um novo olhar sobre as pequenices cotidianas, Antonio Cescatto desbrava, nesta coletânea de poemas, a vida que nos rodeia, mas que nós simplesmente não paramos para ver. Por meio de uma observação atenta e sutil, tudo aquilo que chamamos de lar — meias jogadas, discos, prateleira de livros, louças para lavar, coisas que se perdem, outras que se acham e até a função terapêutica de uma máquina de lavar — torna-se fonte de divagação e resignificação para o autor, que descreve, a partir de coisas menores, o curioso fenômeno do dia a dia.



## PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre temas ligados à literatura, livro e leitura. Nesta edição, Regina Zilberman questiona até que ponto a literatura fortalece comportamentos eticamente desejáveis.

# O INTELECTUAL, A LITERATURA E A ÉTICA

REGINA ZILBERMAN

**E**m um dos diálogos relativos ao encarceramento de Sócrates, ocorrido em 399 a. C., Platão coloca o filósofo em conversa com um de seus seguidores, Críton, que expõe ao prisioneiro um plano de fuga. O pensador, acusado de corromper a juventude, fora condenado à morte por ingestão de um veneno. Críton procura convencê-lo a escapar do infortúnio, mas o interlocutor resiste à ideia, conformando-se com sua sorte.

Sócrates, porém, não é apenas um conformado; sua resistência funda-se em um raciocínio incontornável: não concorda com a sentença incriminadora, mas argumenta que, se fugisse da prisão e, ainda mais, traves-

tido de mulher — esta é a opção que lhe oferece Críton —, não mais estaria do lado da justiça e da virtude, e sim no da injustiça e da perversão. Sócrates está convicto de que seus juízes agiram incorretamente, condenando-o de modo indevido; mas não quer nivelar-se a eles, porque, se o fizer, não poderá mais se pronunciar sobre os temas de sua filosofia, norteadas pela busca do conhecimento e da sabedoria. Para o filósofo, o discurso e a ação caminham na mesma direção, e a segunda não pode contradizer o primeiro. A ética não se separa da doutrina; pelo contrário, permeia as decisões do indivíduo, mesmo quando aquelas se materializam em falas conceituais e universalizantes.

Corta para o século XX: Hans Robert Jauss era um bem sucedido professor de literatura na Universidade de Constança, partidário da Estética da Recepção, corrente de pensamento que, ao final dos anos 1970, começava a correr o mundo, e um dos líderes do grupo Poetik und Hermeneutik, que congregava a nata dos acadêmicos da então Alemanha Ocidental, quando apareceram os primeiros rumores relativos às suas convicções nazistas à época do Terceiro Reich. Os rumores transformaram-se em fatos quando, nos anos 1990, Earl Jeffrey Richards divulgou suas ligações com o regime hitlerista, bem como a adulteração de documentos de identidade, a

fraude por ocasião de sua inscrição na Universidade de Bonn, a falsificação de sua trajetória na juventude.

A notável reação contrária por parte de colegas e admiradores de Jauss reprimiu o avanço das investigações. Porém, os dados divulgados nos últimos anos por Jens Westermeier, retomados por Ottmar Ette em *O Caso Jauss*, obra recentemente publicada no Brasil,<sup>1</sup> parecem não deixar margem à dúvida: o eminente professor, pesquisador e formador de gerações de docentes atuantes em universidades alemãs, ti-

1 ETTE, Ottmar. *O Caso Jauss: A Compreensão a Caminho de um Futuro para a Filologia*. Trad. Giovanna Chaves. Goiânia: Caminho, 2019.

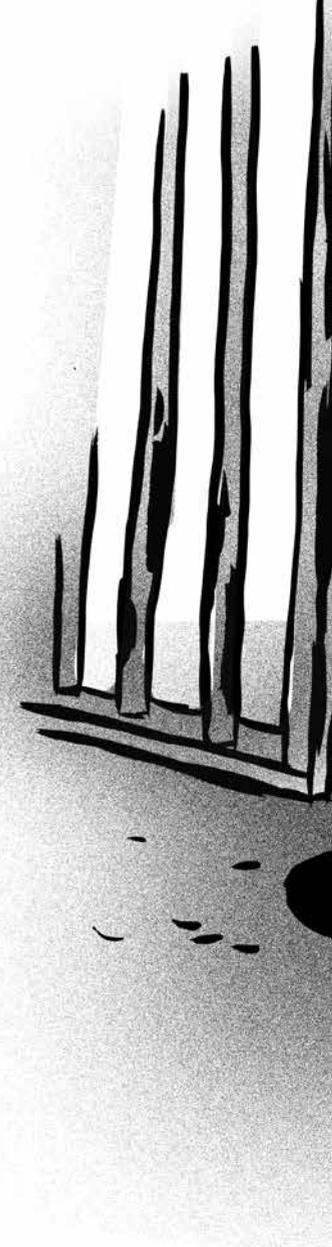


ILUSTRAÇÃO: DW RIBATSKI



nha não apenas pertencido ao Partido Nazista desde a adolescência, como comandara tropas das *Waffen-SS*, responsáveis por ações de extermínio na França e na Croácia em 1944.

Hans Robert Jauss inicialmente negou os fatos; depois, diante das evidências, procurou explicá-los, adequando-os às ideias que difundia em obras então elaboradas. Rejeitou a vida passada, como se não tivesse acontecido, e inaugurou um mito de nascimento no pós-guerra. Ao contrário de Sócrates, no diálogo de Platão, não se incomodou com a circunstância de o passado apontar um dedo acusador para o presente, época em que, em procedimento inverso ao do intelectual

ateniense, se travestia em sujeito liberal e compreensivo.

Contudo, mesmo a imagem do “novo” Jauss foi contestada: Hans Ulrich Gumbrecht, seu ex-aluno, denuncia, em livros como *Depois de 1945*, o autoritarismo do mestre; e Ottmar Ette analisa textos como a “Pequena Apologia da Experiência Estética” para mostrar como imagens bélicas e agressivas atravessam o discurso de seu autor. O presente une-se ao passado, não, porém, pela via desejada pelo principal nome da Estética da Recepção.

#### ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Dois conceitos embasam a Estética da Recepção: os de emancipa-

ção e de prazer estético. Ambos pautam-se pelos critérios de liberdade e autonomia do leitor, alcançadas por efeito de obras literárias inquietantes e inovadoras. Transgressora nos seus melhores momentos, a literatura conduz o destinatário à ruptura com o convencional e o *déjà vu*. Tal é o caráter iluminista da arte, que, sem abrir mão de sua natureza, espraia-se no tempo e no espaço.

Princípios como esses dificilmente podem ser rejeitados. Em épocas sombrias como as experimentadas no século XX e que ainda toldam a cena contemporânea, a literatura oferece-se como alternativa de contestação e utopia. Contudo, o indivíduo que enunciou este discurso aparentemente não o praticou, destoando do modelo sumariado na figura de Sócrates, que preferiu sacrificar a vida a renunciar à coerência ética pela qual conduziu sua existência e formulou seu pensamento filosófico.

A história de Sócrates narrada por Platão é reconfortante, porque parece afirmar o primado da sabedoria sobre a barbárie e a injustiça. O percurso de Jauss é seu avesso, produzindo incômodo, sobretudo porque contraria os efeitos usualmente atribuídos à literatura. Dessa supostamente emanam valores positivos, ampliando o conhecimento do indivíduo sobre o mundo e sobre si mesmo, impregnando-o de predicados que colaborariam para a superação de desequilíbrios nocivos à sociedade ou à humanidade de modo geral, fazendo avançar a civilização.

Aparentemente, não foi o que aconteceu com o pesquisador alemão: suas iniciativas, quando se dedicou aos estudos literários e firmou-se como um dos vultos mais importantes da academia alemã, não foram mais éticas ou menos violentas (ainda que simbolicamente) do que as que marcaram sua carreira nas *Waffen-SS*.

Até que ponto a literatura fortalece comportamentos eticamente desejáveis? E até que ponto as pessoas que lidam com a arte na qualidade de criadores e críticos são contaminadas pelos valores iluministas de que se compõe o objeto de seu trabalho? Eis aí questões que se apresentam à nossa reflexão, quando nos deparmos com as histórias particulares de indivíduos como Sócrates e Jauss, cada um em seus respectivos tempos e lugares. ■

---

**REGINA ZILBERMAN** é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutora pela University College (Inglaterra) e Brown University (EUA), possui experiência como pesquisadora nas áreas de história da literatura, literatura do Rio Grande do Sul, formação do leitor e literatura infantil.

 UM ESCRITOR. BIBLIOTECA

# FRANCISCO ALVIM

Fran



O poeta Francisco Alvim foi o penúltimo convidado da temporada 2019 do projeto Um Escritor na Biblioteca. Em conversa mediada pelo músico e produtor teatral Flávio Stein, o autor de *Passatempo* (1974) contou como sua iniciação literária passou ao largo das bibliotecas e da importância fundamental de sua irmã, morta aos 33 anos devido a uma doença grave, em seu despertar literário. “De certa maneira, devo o meu próprio interesse pela poesia ao interesse que ela tinha por mim”, conta Alvim, que começou a rabiscar alguns versos por volta dos 15 anos de idade.

Diplomata de carreira, o mineiro de Araxá tem uma obra poética enxuta. Apesar de ter estreado há quase meio século, com o livro citado acima, publicou por editoras apenas outros dois livros de poemas inéditos: *Elefantes* (2000) e *O Metro Nenhum* (2009). Fora isso, além de muitas produções independentes e artesanais, seus trabalhos foram reunidos nas coletâneas *Poemas (1968-2000)*, de 2004, e na plaquete *Francisco Alvim — 80 Anos*, lançada pela editora Quêlônio em 2018.

Essa espécie de zelo que subjaz à produção de Alvim condiz com sua visão sobre esse gênero literário. “É uma matéria complicada, essa da linguagem poética”, reflete. E, àquelas que pretendem se embrenhar pelo caminho do fazer poético, o experiente versador deixa algumas palavras: “Acenda esse desejo, cuide dele. E fique sabendo que ele vai ser uma fonte de muita tristeza, abatimento e frustração”.

#### QUADRINHOS

Minha iniciação literária passou ao largo das bibliotecas. Eu gostava muito de histórias em quadrinhos, de gibis. Durante um bom período da

minha infância fui inteiramente absorvido, em termos de literatura e de leitura, pelas revistinhas da Ebal — uma editora de HQs notável no Rio de Janeiro, e com um dono que eu achava interessantíssimo porque ele tinha uma relação íntima com cada freguês. Tinha o selinho do prédio da Ebal na contracapa das edições deles, muito caprichadas. Eu gostava muito. Foi essa a literatura que frequentei durante muito tempo, até meus 12, 13 anos. Tinha a coleção Tesouro da Juventude, que eu adorava, mergulhava naquele tesouro e não saía nunca. Tinha o Monteiro Lobato, outro fascínio. Me lembro até hoje da paixão que tive, paixão amorosa mesmo, tremenda, que poucas vezes tive como adulto, pela Narizinho. O baile que ela teve no fundo do mar, o vestido dela com todos os peixinhos do mar, é uma coisa alucinante. Até hoje vejo esse vestido na minha memória, é uma coisa incrível. É como se ela estivesse vestida de aquário, uma imaginação frondosa a do Monteiro Lobato. E tudo isso culminava, às vezes, comigo colecionando aquelas revistas todas. No dia do meu aniversário, fazíamos um combate de histórias em quadrinhos. Nós nos fechávamos em uma sala ampla que tinha na casa em Belo Horizonte e nos esbordoávamos, destruíamos a coleção de um ano inteiro. E aí, no ano seguinte, começava a coleção da Ebal novamente.

#### APOIO

O livro entra na minha vida lá pelos meus 15 anos. Tive uma irmã que foi uma grande poeta. De certa maneira, devo o meu próprio interesse pela poesia ao interesse que ela tinha por mim. Ela me deu uma grande força, descobriu que eu escrevia algumas coisas, por volta dos meus 15 anos, e teve uma atitude muito generosa — começou a me dar todo um apoio, e aquilo me fez um bem enorme, porque eu tinha uma admiração muito grande por ela. Ela, de certa maneira, prestou muita atenção no que eu estava fazendo e me tirou um pouco daquele marasmo, daquela coisa que certas adolescências têm — um tédio enorme, uma falta do que fazer colossal, um aborrecimento progressivo, uma falta de estímulo. E ela me puxou. Foi aquela mão fraterna. E aí começa uma fase diferente.

#### PRIMEIROS VERSOS

A minha produção literária, que veio com o apoio de Ângela, minha irmã, nasceu de um furto. Eu estava no final dessa adolescência aborrecida, com uma tendência para cometer atos de adolescente, e furtei dela uma agenda alemã, linda. Não aguentei e furtei. E comecei a escrever alguns poemas inspirados nos poemas dela. Ela tinha publicado nessa época, aos 20 e poucos anos, o único livro

que lançou em vida. Essa minha irmã morreu muito cedo, com 33 anos. Eu a imitava muito, e ela descobriu. Ela gostava muito da agenda e perguntou, mas não confessei. Eu gostava da agenda também. Fui um ladrão convicto. Um dia, ela descobriu. Em vez de ficar danada comigo, falou: “A agenda é sua, e eu gostei. Quero só que você me mostre seus versos de vez em quando, quando tiver vontade”. E aquilo foi mais um ato poético que teve uma repercussão forte no meu coração. Porque, afinal de contas, é a víscera que importa aos poetas, muito mais que a cabeça.

#### MORTE DA IRMÃ

Minha irmã morreu com uma doença muito grave. Foi um golpe profundo na nossa família, e marcou em definitivo a minha vida e dos meus irmãos. É uma dor incrível que a gente sofreu no correr da vida inteira, carregamos cada um este selo. Quando ela ficou doente, conversava muito comigo e me deixou seus poemas. Eu era o depositário, ela confiava muito em deixá-los comigo. Nunca consegui fazer nada com os poemas. Quem fez, e fez muito, foi minha outra irmã, Maria Lúcia, que publicou algumas edições dos livros dela. Ela fez diversos poemas no auge de sua doença, e são lindíssimos, chamados *Poemas de Agosto*. Ela falava: “Você tem que tirar tudo o que é excessivo desses poemas, não quero referência alguma. Eu quero que seja uma ausência completa de referencialidade, de tudo aquilo que não constitui a essência de uma emoção”. Ela tinha um desejo de abstração enorme.

#### LINGUAGEM POÉTICA

Minha poesia é um furto. Trabalho muito com a conversa dos outros e, de tanto trabalhar com a conversa dos outros, acabo por trabalhar

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

com “mim para comigo mesmo”. E tem uma quantidade de vozes que você começa a ouvir que não são suas, são vozes soltas. Quase como se fosse uma câmara de ecos e contraecos. Com isso, a imaginação se solta e você começa a perceber uma série de coisas. E, como a poesia é um instrumento, uma matéria dúctil, ela capta tudo. É como se fosse planta, uma chapa imantada, muito mais do que a prosa. A prosa não tem isso. O poema irradia. Ele tem outras falas por trás, outras vozes que entram nele. Às vezes até o título é uma voz que surge a mais. Quando você termina um poema, vem um título que é como uma terceira ou quarta fala que surge e comenta aquilo que está escrito. É uma colagem também. É um campo de experimentação. Quando as linguagens ficam confusas e ela própria se cansa, ela produz uma espécie de usura, tem um gasto muito rápido e intenso. E de repente se renova porque tem uma necessidade, uma força interna, que a leva ao processo de renovação. Por estar perto da necessidade de ter formas novas para coisas novas. Tem um movimento que ela cria que é muito dela, da poesia, e isso traz dificuldades. Essas coisas são muitas vezes mal resolvidas, porque o plano de experimentação não leva a nada, ele se esgota em si próprio. É mais uma aspiração do que propriamente uma conquista, e os defeitos do poema surgem como a evidência de que a prosa esconde muito mais. Na poesia, o que é ruim aparece logo. É difícil enganar. Você engana o poeta, e o poeta se engana. Bandeira dizia uma coisa, coberto de razão: “Procurar o poema, não o poeta”. Frequentemente os poetas pensam que estão fa-

zendo poesia, mas não estão. Há uma coisa muito curiosa com a poesia. Não é mistério, essas coisas para mim não existem. Sou muito materialista na minha relação com a literatura, não acredito em mistérios. Acredito na matéria, e é uma matéria complicada, essa da linguagem poética.

### “ETA-FERRO”

O Fausto que aparece no poema “ETA-FERRO”, do livro *Elefantes*, é meu pai, com quem convivi a vida inteira. Eu o adorava, e seus últimos dez anos ele viveu comigo e com minha mulher em Brasília. Era um homem notável, com uma imaginação fulgurante, uma sensibilidade, um arrojo e experiência de vida extraordinária. E tinha uma fala incrível, então volta e meia ele aparece nos meus poemas. O Deusdedit, que também é citado, era meu padrinho — primo do meu pai, filho da tia Rosinha que também aparece e que era uma professora do meio rural brasileiro. Era uma geração, essa do meu pai, que se urbanizou. Eram todos meninos e meninas da zona da mata mineira, fazenda de café, e ele está contando sobre essas fazendas — Pouso Alegre, Pombal, fazendas que foram acabando. É um poema que tem esse tom da finitude.

### TUDO É POESIA

Para falar sobre o papel da poesia na sociedade contemporânea recorro ao Bandeira novamente, que é um poço de sabedoria e genialidade, um poeta extraordinário, porque parece que a poesia é a própria língua que ele usa. É uma coisa extraordinária o grau de materialidade que têm os poemas do Bandeira. Ele escreve na corrente, não contra a corren-



te. Drummond e Cabral são poetas que escrevem ásperos, pela necessidade do embate, do conflito, do confronto com a língua. O Bandeira, não. O Bandeira vai guiar muito mais do que uma doçura, uma expressão de beleza. O português dele não existe, é uma música que não é música, é a poesia em si. E ele dizia uma coisa extraordinária, que vivemos em uma espécie de plano como se não tivéssemos nascido, como se estivéssemos em uma redoma envoltos em um líquido amniótico. E esse líquido, essa redoma, é a poesia. A vida é poesia. Tudo é poesia. É uma visão extrema, tem uma radicalidade total. Nesse sentido, por caminhos contrários, lembra um pouco a visão de Mallarmé quando ele faz seu grande poema “Um Lance de Dados”. É uma cena muito bonita e está em uma das cartas em que Valéry fala dele. Valéry frequentava muito a casa que Mallarmé tinha às margens do Sena. Eles saíam de noite. Mallarmé acompanhava Valéry numa noite estrelada, até que ele disse: “Acho que fiz um verso de loucos, porque é como se eu estivesse grafando o cosmos”. É esse envolvimento entre o plástico, o físico



e o sensorial, que na visão de Bandeira é um líquido amniótico dentro do qual você nunca se desligou e que te envolve. E, ao mesmo tempo, você tem uma relação com o cosmos, isso mostra o espaço da poesia. Que não tem nada a ver com História, essa miséria que a gente vive, nosso cotidiano. E não tem mistério algum nisso, é uma coisa que nos transcende, mas que não tem nenhuma espiritualidade. É uma força da matéria, dessa coisa incrível. E aí sim é um mistério, até porque a gente não sabe o que é a vida, o que nos faz estar aqui agora, nessa presença, e daqui a pouco não estar mais. Apodrecer. Tudo apodrece, tudo morre, tudo acaba, como o poema diz. São coisas que nos deixam perplexos.

#### VERSOS ESPONTÂNEOS

Os poemas “Acontecimento” e “Muito Ótimo” são mais de envolvimento e integração. Com a natureza, com o cosmos. Essa vertente é justamente a da História, daquele dia a dia. Isso é fruto de uma ambição e me lembro de uma coisa que o Mário Faustino disse. Nos anos 1960, ele fez um trabalho admirável — ele e sua geração. O Goulart e o Reinaldo Jardim criaram o suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, que brilhou nos anos 1950, 1960, no cenário artístico e da literatura brasileira. Com as vanguardas, as neovanguardas, o concretismo e tudo mais. O Mário tinha uma inspiração que era de fazer, a cada cinco anos, um livro que fosse do plano da poesia. Era uma pretensão que ele externou em certos textos críticos. Eu não o faria com aquele rigor, ele era um artista muito rigoroso, que tinha um ideal estético de rigor. E eu, ao contrário, sempre tive uma tendência a ser mais tolerante com as imperfeições e cultivá-las. Não intencionalmente, mas ver e sentir o que há de inventivo na espontaneidade, no improviso,

na falta de soluções inteligentes para certas circunstâncias. Não se apertar muito, não se exigir muito nesse plano. Você tem que prestar atenção em mil coisas. A vida é uma sucessão de perigos. Por mais confortável que seja a vida de cada um, é impressionante a quantidade de perigos pelos quais a gente passa no correr de uma vida. Então o tempo fica sendo muito reduzido, pelo menos no meu caso. É daí a necessidade da coisa curta. Era falta de tempo. Mas havia, também, esse desejo de ter a poesia sempre ao lado, de não deixá-la. Ela cria uma tensão no seu espírito e fica numa espécie de tocaia, mas que pode sair. E às vezes, num elevador, você tem que descer num andar e ouve uma frase, e o corte da sua saída já cria um poema. É daí essa dinâmica, esse ritmo que os cortes têm. São frases absolutamente banais, corriqueiras, do dia a dia, mas a maneira que elas produzem na escrita dá um certo choque e revela esse estado de tensão no qual elas nascem. E vem aquela coisa do poema ter muito mais do que está escrito. O que está em volta de um poema.

#### DIPLOMATAS

Acho que não faria a poesia que faço, e que fiz, se não tivesse sido diplomata. Como também, se fosse engenheiro, eu provavelmente faria uma outra poesia. O impacto foi enorme, não só do ponto de vista de interesses crescentes que fui tendo, de entendimentos. Na medida do possível desse outro grande enigma que é esse nosso país. É uma maneira de entender, ou de não entender, o Brasil, porque você está ali em uma instituição de governo. Uma instituição basilar que tem uma força política extrema. Você

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

vê muitas coisas, e eu fui, sobretudo, espectador. Não sou um formulador de política externa. Posso ter sido, em algumas circunstâncias profissionais, um agente. Mas você vê muita coisa, e sobretudo você vê, como no poema “Entranhas”, a figuração dos personagens, dos dramas humanos que vão se criando naqueles entrecchos, como se fosse um teatro onde você não conhece o texto e é obrigado a atuar. Quantas vezes eu saía de casa entrando em um tipo de relação pública, de espaço público, sem ter noção. A única noção que um diplomata tem é saber quem manda, de onde vem o poder. Às vezes é uma coisa prazerosa, um negócio que constrói, e você está fazendo parte de algo que vai desenvolver em um projeto, em uma atividade concreta. Outras, não. Outras é um puro jogo, e às vezes um jogo de foice. De pressões muito fortes e externas, pressões de estrangeiros em cima de você. Nunca tive essas pressões, porque nunca ocupei nenhuma função realmente de comando dentro do Itamaraty.

### VIAGENS

Saí pouco. Tive uma carreira diplomática muito peculiar nesse sentido, preferi ficar no Brasil. Tive tempos, inclusive, em que me desliguei do Itamaraty e fui trabalhar na José Olympio. Foi uma carreira não muito convencional. Meu primeiro posto foi na Unesco, depois fui para Paris. De 1971 a 1975, fiquei fora do Itamaraty, numa licença, e aí volto para Brasília, onde fico 20 anos. Depois, já saio como chefe de missão. Fui para Barcelona, depois fui para Roterdam como Cônsul Geral, e depois fui



Embaixador na Costa Rica. Foram esses os países em que estive. Foram uns 12, 15 anos, mas os colegas, em geral, ficam 30 anos. O poema “Entranhas” traz um pouco desse drama humano dentro de uma instituição privada e, no entanto, na vida íntima do indivíduo: “Irei com prazer, senhor embaixador / Mas antes preciso saber / se aquela putinha também / vai / — Seu filho da puta / O coronel saca a pistola / Não teve medo / — Atira, seu filho da puta / atira / A exoneração não tarda / foi parar em parte / alguma / (alguém ajudou, senão...) / Lá se aposenta / dias depois, já de regresso / passa em Madri / aluga o carro para um passeio / sofre o enfarte e morre / na estrada / fica nu — roubam / tudo / Não tinha família / Leva uns dias no necrotério / até que o acham / Deixou setecentos mil dólares / um apartamento / Da aposentadoria / não desfrutou um só / dia”. De repente, ele se vê abandonado porque entra em confronto com o poder e acaba morrendo. É o limite

da força humana dentro de um poder do Leviatã que esmaga o indivíduo.

### TREMORES

A sensação que dá é que a inteligência política do país — o norte, a coerência, a razão política — desapareceu. É feito uma espécie de tábua rasa de tudo. E a sensação que se tem é que eles próprios não sabem. O grau de crueldade que nós atingimos como sociedade é uma coisa inimaginável. Você acorda com reportagens pungentes, as pessoas correndo das favelas e os repórteres atrás com o microfone. Vi várias vezes. A pessoa está fazendo a barba, e de repente leva um tiro na garganta. Um menino brincando na rua... É uma coisa desesperante. Ou você acredita nos reinos de outros mundos, ou você não sabe para onde olha. Acho que isso vai acabar muito mal, tenho muito medo. Nasci com medo nesse país, já nasci tremendo. Sofro de uma coisa camada “tre-

mor essencial”, nome lindíssimo. E, a esse tremor essencial, acrescentei mais dois: o “existencial” e o “reverencial”, que é o da minha profissão. Vivo com esses três tremores.

### MATERIALIDADE E ALMA

O plano da rima, dos versos, é a materialidade da linguagem. A parte da alma do poeta é exatamente essa química que se opera entre a linguagem fecundada pela vivência de cada um, pelo tempo de vida e de transcurso, das purezas e impurezas que é o transcorrer da vida humana. Quando esses dois planos se fecundam mutuamente, você pode ter a poesia. Mas isso não é sempre o que ocorre. Às vezes ocorre com muita intensidade nas coisas absolutamente geniais, e só o tempo vai dizer. É uma linguagem que fica. *A Divina Comédia*, por exemplo, está aí há quatro séculos. Você pega *Iliada*, que é outra maravilha, você pega Baudelaire. E agora você pega no Brasil o *Cobra Norato*, do Raul Bopp, ou *Cão sem Plumas*, do João Cabral — ao meu ver, uma das maiores poesias sociais que o Brasil já fez, se não a maior. Talvez tão grande quanto *A Rosa do Povo*, do Drummond.

### DALTON E LEMINSKI

Dalton é uma figura extraordinária e devo a ele lições incríveis, do ponto de vista do conhecimento. A eclipse de Dalton é extraordinária, tem um ritmo. E a capacidade ficcional dele, de trazer para esse plano tonalidades que não são expressas. Ele me ensinou coisas do arco-da-velha. Não sei se fui um bom aluno, mas adoro o Dalton. Não perco um livro dele, e ansiava, e ia atrás dele,

correndo atrás. Adoro. Leminski é uma figura. Eu o conheci, mas tive pouco contato. Acho ele um poeta de um interesse muito grande. De vez em quando ele tem uns acertos prodigiosos que atualizam muito a experiência da nossa geração, inclusive em planos muito interessantes. Essa história de que a poesia não diz tudo, é essa coisa que irradia, que tem um espaço que não é dito e que escapa à vontade do poeta. Nesses momentos, acho que ele tem poemas fantásticos, realmente muito bons. Aquele em que ele começa com aspirações de ser o poeta mais genial de todos, o poeta disso e aquilo, e depois vai se acomodando. Um poema de grande impacto. É toda uma época, toda uma dicção, um ensaística muito interessante. E estudioso, você sente que ele procurava. E ele sentiu como poucos o que há também de frustrante no exercício da poesia. Tem muitos poemas fracos dele, assim como tem em todos nós. A poesia é muito frágil.

#### FARDO

Não acho que poesia seja para todos, inclusive não é nem para os próprios poetas. Frequentemente os poetas pensam que estão fazendo poesia e não estão. Tem muitos poemas fracos. Mas é claro, a coisa se organiza ao redor de determinados nomes porque eles trabalham mais, têm um compromisso maior. Sartre, aliás, tem uma passagem sobre isso quando ele compara como surge um escritor nos Estados Unidos e na França. Na França é o seguinte: André Breton está lá em uma aula nos seus 15 anos, ouve o professor falar sobre Mallarmé e fica todo entusiasmado. Aí André



Breton fala: “Eu quero ser igual, vou ser esse sujeito”. E, no caso do André Breton, até que dá um pouco certo, mas outros ficam pelo caminho. É assim com os poetas como com os jogadores de futebol. É a tragédia da vida, você tem que carregar suas ambições e frustrações.

#### MUITAS DÉCADAS

Leio os jovens escritores, mas reajo pouco porque 80 anos são muitas décadas. Você fica cansado, lento, as coisas começam a demorar muito. Para amarrar o sapato você leva muito mais tempo do que levava. Então, ler as coisas levam muito mais tempo, e raciocinar sobre elas... Você esquece. Às vezes preciso ler três, quatro vezes o mesmo texto. E tem uma porção de coisas que tenho vontade de ler, e em geral não tenho uma personalidade muito forte para dizer que vou ler um só tipo de coisa. Leio tudo e vira uma bagunça danada, uma desordem mental colossal.

#### AO JOVEM POETA

Primeiro é o querer, o desejo. Acenda esse desejo, cuide dele. E fique sabendo que ele vai ser uma fonte de muita tristeza, abatimento e frustração. Se você tem estrutura para aguentar isso, vá em frente. Não conte com o resultado. É uma mão aberta para o nada, pode dar certo como pode não dar. Depende de sorte, de você estar presente em certas horas, de relações, e coisas da vida. Eu tive muita sorte. Já adolescente, estava cercado de gente, no Rio de Janeiro, que estava fazendo a mesma coisa. Mas sobretudo essa capacidade de querer e de suportar a frustração. E de não querer nada em troca.

#### FUTURO DA LITERATURA

O futuro a Deus pertence, se existe um Deus. É muito difícil saber. Para muita gente a literatura acabou, as artes acabaram e o que existe hoje é diversão. Há pouco tempo, li uma entrevista do [Giulio

Carlo] Argan, que é um crítico notável, e ele estava inteiramente convicto de que a arte tinha acabado. E, como ele, muita gente acha que hoje em dia o que existe é diversão. Não sou desse parecer. Acho que, enquanto houver o homem, a arte responde a uma série de coisas que são necessidades humanas, para as quais não vejo fim.

#### AVANÇO TECNOLÓGICO

Tudo que acontece com o homem é matéria de matéria, começa a existir, e nunca é empobrecedor. Tem aspectos empobrecedores, sem dúvida, mas é assim desde as cavernas. Você tem que fazer opções. E tem que enfrentar a tremenda realidade. Quando a gente pensa em como lidamos com a realidade, e o que é a história do homem, é uma coisa sem limites, mas você fica absolutamente mudo. Como é que descobriram que, por exemplo, sal é gostoso na comida? Como descobriram que uma plantinha não sei da onde dá um efeito como o da maconha? Como descobriram desde essas coisinhas até essas coisas como a teoria da gravidade? São coisas inconcebíveis, como o homem vai se relacionando com essa realidade. E é dessa relação que a História surge. Então não pode ser uma coisa ruim. Não pode. Só pode ser uma coisa que enriquece, que vai criar novas realidades, e você vai ter que lidar com elas e com aquilo que trazem de destruição. A morte está dentro da vida, e vice-versa. Você tem que superar e encontrar uma solução para esse impasse, senão você acaba se extinguindo. E a gente corre esse risco, claro. Isso é só mais um dos riscos. A vida é um risco permanente. ■

CAPA

# EU NÃO SOU APENAS O QUE VOCÊ PENSA QUE SOU

DIVULGAÇÃO



O poeta mineiro Ricardo Aleixo, autor de *Pesado Demais para a Ventania* (2018)

**Em um cenário editorial que não reflete a diversidade da população, autores negros reivindicam espaço e rejeitam estereótipos**

YASMIN TAKETANI

**E**m outubro, o grupo de humor Porta dos Fundos lançou uma sátira em que um jornalista negro entrevistava um escritor branco: “Hoje, a gente conversa com Heitor Peraza, escritor branco, porque aqui a gente faz questão de lembrar que existe, sim, uma literatura branca nesse país”, introduzia o entrevistador. “Normalmente, os brancos vão para o mercado financeiro, para o Congresso, fabricação de cerveja artesanal. E você, não, você foi para a literatura, que é muito difícil, muito inusitado para um jovem branco. Como é que foi essa coisa de migrar para a li-

teratura?”, continuou. “Como é para você, um escritor branco, dentro dessa questão da branquitude?”

A tirada inverte papéis para questionar aspectos que extrapolam a literatura contemporânea: a começar pelo lugar que mulheres e homens negros podem ocupar e a relação entre a etnia e a biografia do autor com o conteúdo (e até a qualidade) de sua criação. Mas podemos ir além, trazendo inúmeras questões para a literatura, e que pautam esta matéria: a literatura brasileira é representativa da diversidade do nosso país? Até que ponto a cadeia editorial é marcada pelo racismo? Qual é o papel da escritora e do escritor negro? Onde entra o lugar de fala na criação de personagens negras e na análise de textos de autoria negra? Existe uma desconfiância em relação ao valor literário dessa produção? Existe, afinal, uma literatura negra ou afro-brasileira?

#### “ARRAIA MIÚDA”

Se cerca de 56% da população brasileira é negra, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes a 2018, o romance brasileiro publicado por grandes editoras está aquém da nossa diversidade. É essa a constatação da pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) Regina Dalcagnè, que liderou uma investigação por quase 700 romances, publicados pelas principais editoras do país. Segundo a amostra de 2004 a 2014, os negros são 7,9% das personagens — números que não evoluíram em relação ao período de 1965 a 1979 —, mas somente 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores; em 56,6% das obras, não há nenhuma personagem não-branca; e 93,9% dos autores

e autoras são brancos. “A literatura brasileira reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira”, resume Regina no artigo “A Cor de uma Ausência: Representações do Romance Brasileiro Contemporâneo”, referindo-se ao afastamento dos espaços de poder e de produção de discurso da população negra.

“O ideal seria que os autores conseguissem extrapolar [sua perspectiva social] e trouxessem para as suas narrativas uma quantidade diferente de personagens e grupos sociais, etc. Mas o que a pesquisa mostrou é que isso não acontece”, avalia Regina em entrevista por telefone, observando que, talvez, o mais interessante não esteja circulando pelas grandes editoras, livrarias e jornais. “A maioria dos autores de romances que publicam pelas grandes editoras acaba se concentrando em um universo que lhe é mais próximo.”

Nas leituras de formação e mesmo nas atuais, o poeta Ricardo Aleixo cansou de observar personagens negras retratadas como escravos, bandidos, prostitutas, caracteres exóticos. “Eles eram o que João Antônio chamava de ‘arraia miúda’. Não passava disso”, recorda, notando que mesmo que essa personagem tenha um nome, ela não terá direito a uma personalidade. “Ela é um tipo, quando não um estereótipo.” Hoje, Aleixo declara ter chegado a um ponto de saturação. “Muito da literatura brasileira que eu lia deixou de me interessar, porque eu já não conseguia fazer, sem esforço, o exercício de me ver ali.” Para o poeta, os autores brancos não têm “vontade nenhuma de sair do círculo de privilégios em que vivem”:

“Quando se trata de personagem bandido, eles sabem muito bem criar uma personagem negra. Tem muito de má-fé, hipocrisia e racismo”.

Segundo o cientista social Mário Augusto Medeiros da Silva, cuja tese de doutorado deu origem ao livro *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*, Aleixo teve um encontro padrão com a nossa literatura: mulheres e homens negros foram, historicamente, mal retratados nas letras brasileiras. “No período escravista, com raríssimas exceções, o escravo era o produtor de uma série de travessuras, responsável pelos infortúnios do lugar onde estava, como se fosse responsável pela escravidão”, lembra, citando *As Vítimas Algozes*, de José de Alencar. “No período imperial, na maior parte do tempo, a personagem negra é mal estereotipada, com vícios morais, comportamentais, sem autonomia ou sentimentos. Machado de Assis, com sua ironia, e Lima Barreto, com sua crítica ácida, rompem isso.” Esse, contudo, é um problema que não se restringe à história da literatura. Antes, diz muito sobre o país em que vivemos, a maneira como a nossa história é contada e o futuro que oferecemos a jovens leitores. Ao invés de confirmar preconceitos raciais, a literatura pode subvertê-los. Ela é, ainda, uma importante forma de reconhecimento e afirmação da experiência de mulheres e homens negros na sociedade.

#### AUTORIA NEGRA

Se a representação plural não vem dos autores brancos publicando pelas grandes editoras, ela é transformada com a autoria negra, que assume a palavra, coloca-se como sujeito,

## CAPA

DIVULGAÇÃO

protagonista e fala de sua perspectiva social, criando seus próprios enredos e fazendo história. “A questão é o que representa para escritores e escritoras negras terem essa profissão”, coloca Cristiane Sobral, leitora ávida desde criança, que tampouco se reconhecia nas obras que lia. “Queremos que nossas crianças também sonhem em ser escritoras.” Hoje autora de livros de contos, poemas e peças de teatro, pesquisadora há 19 anos de questões relacionadas à identidade negra e escrevendo seu primeiro romance, ela gostaria de ser uma representante para meninas como a que foi — no entanto, esbarra em dificuldades do mercado editorial. Pois, para Cristiane, se o cenário é de transformação, configura apenas uma rasura. “Estamos com muitos pares, mas quando a gente compara com o rol de escritores, sabemos que somos pequenas rasuras no cânone”, afirma a autora por telefone, dos EUA, onde fazia um *tour* por universidades falando sobre sua obra e suas experiências, concluindo que, sem estar nas livrarias e nas escolas, não se chega ao grande público.

A falta de ambição e de investimento das grandes editoras em garimpar um cenário de diversidade e o racismo estrutural são alguns dos fatores apontados pelos entrevistados para justificar esse sombrio panorama. “Tirando Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Sousa, Carolina Maria de Jesus, um salto enorme de quase 40 anos para Paulo Lins e Conceição Evaristo, que é um fenômeno mais recente ainda, são poucos os escritores [negros] que têm uma projeção no mercado editorial em nossa história literária”, lembra Silva. O “bloqueio” a essa diversidade passa por uma porção ainda mais ampla do



Regina Dalcastagnè  
é pesquisadora da  
Universidade de  
Brasília (UnB)

DIVULGAÇÃO



A escritora e pesquisadora da identidade negra Cristiane Sobral

mercado, que inclui jornalistas, críticos, pesquisadores, livreiros, jurados de prêmios, etc.

Cristiane, que chegou a receber uma proposta de uma grande editora para publicar sobre “flores”, mas não sobre o “universo da mulher negra”, hoje está publicada pela Malê, editora dedicada à autoria negra, e que lhe propiciou maior acesso ao mercado. Esses são, basicamente, os objetivos da Malê — aumentar a visibilidade de escritoras e escritores negros contemporâneos, sobretudo brasileiros; ampliar o acesso às suas obras; e contribuir com a modificação das ideias preconcebidas sobre os indivíduos negros no Brasil. Desde 2015, quando foi fundada, no entanto, seu conceito antirracista nem sempre foi compreendido ou visto com bons olhos. “Há pessoas que afirmam não compreender a existência de uma editora que priorize a publicação de escritores negros, além de outras que nos atacam afirmando que somos racistas, o que é irônico, pois nos veem assim justamente por lutarmos contra os efeitos de exclusão que o racismo estrutural produz na nossa sociedade”, explica o editor Vagner Amaro, em entrevista por e-mail.

Amaro percebe um aumento do interesse do mercado pela literatura de autoria negra a partir de 2017. O ano marca a edição em que a Festa Literária de Paraty (Flip) bateu o recorde do número de convidados negros. “A presença de escritores / intelectuais negros nos espaços mais privilegiados de visibilidade modifica um imaginário social que tradicionalmente reduz todas as possibilidades de atuações dos indivíduos negros aos postos que não são considerados como de uma atuação intelectual”, avalia o editor sobre a importância desse movimento. Os principais prêmios literários também têm celebrado a criação de autoria negra (Conceição Evaristo foi homenageada nesta edição do prêmio Jabuti, depois de ficar em terceiro lugar na categoria de Contos e Crônicas em 2015; Cidinha da Silva ficou em segundo lugar entre os Contos do Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2019; no exterior, neste ano, outra Evaristo, a britânica Bernardine, foi a primeira mulher negra a vencer o Booker Prize), assim como os vestibulares têm incluído em suas listas de leituras obrigatórias obras como *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, contribuindo para a legitimidade de uma literatura e de autores e autoras que, não raro, ainda têm que defender seu valor.

#### “INVENTADO PELOS BRANCOS”

“Se eu te pedir para fazer uma definição de Arnaldo Antunes? Você nãoalaria que ele é branco,alaria que

## CAPA

ele é poeta. Percebe a aberração que é isso?” Ricardo Aleixo é um dos escritores que recusam o termo “literatura negra”, que ganhou força a partir dos anos 1970, mas sempre foi posto em questão e disputou espaço com o conceito de literatura afro-brasileira. Há quem opte por um ou por outro, ou por nenhum, sejam pesquisadores, antologistas ou escritores, dependendo da posição teórica ou defesa de princípios. Mário Augusto Medeiros da Silva defende o termo, mas lembra que não existe uma literatura negra brasileira apenas pelo fato de que escritoras e escritores negros estão escrevendo: eles fazem literatura, afinal, desde o século XIX, a exemplo de Luís Gama e Maria Firmina dos Reis. “Essa ideia é uma história de um conjunto de escritores que passa a defender que existe um projeto estético e político que tem o nome de literatura negra brasileira.”

Se não há consenso em torno do termo, o que Aleixo recusa é o rótulo. “Moro na periferia de Belo Horizonte, desde os 9 anos, mas não sei se é possível dizer que eu faço poesia periférica”, compara. Para citar um exemplo oposto, Cuti, um dos fundadores dos *Cadernos Negros*, publicação que desde 1978 abre espaço para a literatura de autoria negra e a sua reflexão, assegura que não é um rótulo, em depoimento à revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, da UnB, em 2017: “É identidade”.

Teóricos colocam, de fato, a literatura de autoria negra como um instrumento de afirmação identitária. Mas até que ponto o texto de um autor negro traz ou deveria trazer as marcas de sua negritude e de engajamento? Autor de *Marrom e Amarelo*, enaltecido pelo crítico Sérgio Rodrigues como

“(…) provavelmente a obra de ficção que, em toda a história, mais se aproxima de traduzir a complexidade do racismo brasileiro”, Paulo Scott considera-se, assim como seu novo protagonista, negro de pele clara. “No meu caso, o que posso dizer é que minha identidade negra sempre foi importante, mas não a ponto de determinar o que tenho ou não de escrever ou mesmo como escrever”, ele explica, por e-mail. A abordagem do racismo também é presente na poesia de Aleixo — assim como o legado da vertente construtiva. Pergunto se ele se sente pressionado a tematizar essa questão em particular. “[Sinto-me] pressionado pelo Brasil, pela violência do racismo institucional”, Aleixo responde.

Ao mesmo tempo em que essa produção é uma importante forma de luta antirracista, que nos fornece argumentos, sentimentos e experiências para combater o racismo no cotidiano, como nos lembra Silva, ela não pode ser aprisionada nesses termos. “Quando um branco escreve sobre ele mesmo, é automático. Quando um japonês escreve sobre si mesmo e fala sobre a sua própria cultura, também. E não se fala que é engajado”, confronta Cristiane Sobral. “Para nós, falar sobre nossas experiências já depõe engajamento? Não entendo isso. Literatura negra é como toda literatura: produção de um universo de ficção.”

Ainda assim, pesquisadores e autores identificam uma tendência de se estigmatizar essa autoria e reduzir a obra a aspectos biográficos. Um exemplo é Carolina Maria de Jesus, que passou a publicar nos anos 1960 e foi rotulada como escritora negra e “favelada”, mas cuja obra vai muito além do relato da pobreza.



O autor gaúcho Paulo Scott, que acaba de lançar o romance *Marrom e Amarelo*

DIVULGAÇÃO



Além disso, apesar do sucesso de público, a crítica cobrava de Carolina um “fazer literário”, explica a doutora em literatura comparada Maria Nazareth Soares Fonseca, autora do ensaio “Literatura Negra: Os Sentidos e as Ramificações” e das antologias *Brasil Afro-brasileiro* e *Poéticas Afro-brasileiras*. “Tem uma questão no Brasil de achar que literatura só é literatura quando usa determinados tipos de recursos consagrados como os de uma alta literatura”, explica. Também para Regina Dalcastg-nè existe uma desconfiança em relação ao valor literário dessa produção. Considerá-la nichada, como se tivesse uma função social importante, mas não fosse necessariamente boa literatura. “É uma forma também de continuar colocando de escanteio.”

E quem tem direito de julgar ou mesmo criar esse universo de ficção? Em que medida um autor branco pode conceber uma personagem negra? Ou um crítico branco pode julgar uma obra feita sob uma perspectiva social que não é a dele? “Isso é um perigo para a literatura”, alerta Regina. “Se eu sou uma mulher branca de classe média, mãe de um filho, só posso falar desse universo? Não é assim que funciona a literatura. Ela é uma extensão dos espaços à nossa volta.” Experiências, explica ela, enriquecem o texto, mas não são tudo. “Sensibilidade, pesquisa, capacidade de ouvir o outro também permitem que os escritores produzam personagens interessantes e ricas.” Um autor branco se sentindo à vontade para fazer uma personagem negra em primeira pessoa, no entanto, é algo que lhe parece pouco provável no cenário atual. Nem é fácil receber uma resposta à pergunta: qual a última personagem negra criada por um autor branco mais bem escrita que você leu? Maria Nazareth, que vem estudando teóricos que abordam o conceito de lugar de fala, reforça a advertência para que não se crie, a partir da expressão, barreiras intransponíveis. “O conceito não pode ser considerado como excludente. Embora um crítico não tenha a experiência de ser negro, ele pode falar sobre essa experiência, pensar sobre isso. Quem está naquele lugar em que há a encenação desse tipo de questões tem um conhecimento muito maior do que quem não vive nesse espaço ou não tem em si as questões muito fortes produzidas pela cor da pele. Mas não acho que a fala, para ser valorosa, tem que ser produzida só num determinado local.” ■

# SETE DIAS COM CÉSAR AIRA

**O escritor Carlos Henrique Schroeder relembra de seu encontro com o autor argentino, um dos nomes essenciais da literatura da América Latina**

**E**m dezembro de 2002, o escritor chileno Roberto Bolaño leu no festival de literatura Kosmópolis, em Barcelona, um texto que foi precedido por um pedido de

desculpas: “... queria falar da literatura do Cone Sul, especificamente do Chile, Argentina e Uruguai, mas a literatura argentina é tão rica, tão poderosa, que finalmente me pareceu mais oportuno centrar-me somente nela”. O texto dividia a literatura argentina em vertentes, e uma delas, muito bem cotada, era a “corrente secreta” iniciada por Osvaldo Lamborghini e descortinada por seu discípulo e testamenteiro literário, César Aira (o chileno ainda louvava o conto “Cecil Taylor” e a novela *Como Me Tornei Freira*). Bolaño já havia de-

dicado-lhe uma de suas colunas, no jornal chileno *Las Últimas Noticias*, com o título de “O Incrível César Aira”. Para ele, “... é um excêntrico, mas é também um dos três ou quatro melhores escritores de hoje em língua espanhola”. Bolaño morreu em 2003, de complicações hepáticas, e foi alçado à condição de “o último maldito”, de mestre, pela crítica e por escritores tão díspares quanto Mario Vargas Llosa e Patti Smith (outra admiradora de Aira). Pode ser que o mesmo aconteça com Aira, no futuro, mas acho improvável.

Aira nunca saiu do gueto crítica / escritores / leitores-cabeçudos, ao contrário do chileno e seus livros desgraçadamente fascinantes, que foram conquistando uma multidão de leitores, num processo que começou ainda em vida. Na verdade, é injusto colocá-los em campos opostos, pois eles se complementam e são a alegria das oficinas literárias descoladas. Borges, que bem poderia ser uma espécie de deus da literatura, concordaria comigo, lá de sua biblioteca celestial. Mas... Não acredito em deuses, mas sei que o conceito funciona, ao menos para al-

DIVULGAÇÃO



O escritor argentino César Aira, um dos pilares da literatura latino-americana

gumas pessoas. Também não acredito em gênios da literatura: não existe escritor, obra ou pensamento perfeito e muito menos esse conjunto de fatores centralizados em uma única pessoa. O próprio Aira, em seu ensaio “Sobre a Arte Contemporânea”, já levantou a questão: “A excepcionalidade do gênio ficou encapsulada em uma figura do passado, deixando livre o presente para os deslocamentos de uma constelação de excepcionalidades provisórias e parciais”. Mas a ideia (ou esperança) de um talento criativo fora do comum (uma das definições de genialidade nos dicionários) funciona, para mim e muitos outros, como estímulo e inspiração para encarar os sofrimentos advindos das páginas e páginas que manchamos com tinta. César Aira (assim como Bolaño) é uma dessas pessoas que nos inspiram, livro a livro, por transitar entre inúmeros espaços de invenção. Ele me ensinou a ler e a escrever melhor, e, sobretudo, a entender que a literatura é um jogo. Dizem que as religiões ensinam as pessoas a lerem suas vidas. É possível. Então minha religião chama-se literatura. O escritor argentino foi durante muito tempo uma espécie de guia de leitura, um guru que deixava sinais que iluminavam meus passos trôpegos. Foi por causa de um ensaio dele, por exemplo, que conheci Copi, e depois Lamborghini (quem nunca mergulhou em *Tadeys* não sabe o que é tormenta), Braulio Arenas e muitos outros. Toda religião possui um sistema de crenças no sobrenatural, geralmente envolvendo divindades, deuses e demônios. Então se a literatura é minha religião, onde se encaixaria César Aira nessa valsa de humanidade e espiritualidade?

#### UM CIGARRO

César Aira nasceu na pequena cidade de Coronel Pringles, a pouco

## MEMÓRIA LITERÁRIA

mais de 500km ao sul de Buenos Aires, no dia 23 de fevereiro de 1949. É uma localidade com menos de 30 mil habitantes, focada na produção agrícola e criação de ovelhas e gado. Pringles também é a terra natal de autores mais ou menos célebres, como Arturo Carrera, Mario Merlino e Mario Satz. Além de uma festa regional dedicada aos que trabalham na produção de lã (pequenas cidades adoram fazer festas ou ser “capital” de alguma coisa), há um interessante patrimônio arquitetônico, sobretudo *art déco*, assinado pelo ítalo-argentino Francisco Salamone. Estive na cidade no ano passado, de passagem, indo para Bahía Blanca, e lembro de ter fumado um cigarro olhando uma acácia que foi plantada pelo Jorge Luis Borges na Casa de la Cultura, em 12 de Setembro de 1982, por ocasião do centenário da fundação de Pringles (certa vez cortei os cabelos na casa em que Borges passara a infância, em Palermo, e que na época era um salão de cabeleireiro, dos bens ruins, mas essa é outra história). Olhava a acácia de Borges mas pensava em Aira, a cada tragada.

Em 2015, passei sete dias com Aira. Almoçamos e jantamos juntos, diariamente, e foi como um sonho, um corte surreal na minha vida monótona, automática e burocrática. A presença física é sempre intimidante e, muitas vezes, decepcionante. Mas com ele foi diferente. Trabalho na curadoria de eventos literários há muitos anos, e aprendi que realmente o melhor dos escritores são seus livros e que, normalmente, suas falas ou presenças são cinzas que podem borrar as páginas ou as ideias que temos deles. O culto à imagem do escritor é certamente uma herança da má exploração midiática dos eventos literários: fala-se mais dos autores que dos livros, dando pitacos sobre tudo e falando cada vez menos do que realmente interessa (dos livros!). Mas no caso de Aira o efeito foi reverso: sua timidez e, também, simplicidade e completa devoção à literatura foram revigorantes. Aira foi, também, muito gentil e humilde. Ele sabia que as histórias eram infinitas, mas a vida, não. Falava devagar: tímido e reservado. Às vezes, quando o riso parecia que ia explodir, controlava os lábios e tampava a boca. Era também um bom fumante, daqueles tradicionais. Os fumantes se acostumam a valorizar pequenos espaços de tempo (o mesmo que lhes será rou-

bado no futuro, pela senhora da foice) como prêmios, pois cada cigarro é devorado com intenso prazer, e aguardo. “Agora eu mereço um cigarro” é a frase que explode com mais facilidade no espaço interior do pensamento de um fumante. Ah, cigarros... Aliás, eu tinha acabado de apagar um cigarro quando encontrei com Aira pela primeira vez, de maneira muito rápida, em 2007, na Festa Literária Internacional de Paraty. Eu estava com uma amiga, a Rozi de Freitas, psicanalista e também fã de Aira. Ele também acabara de chegar, estava no seu primeiro passeio. Batemos uma foto e ele se despediu rapidamente. Também assisti a seu debate com o Silviano Santiago, mediado pelo poeta Carlito Azevedo, que foi decepcionante. Admiro os três, de verdade. Mas o debate não funcionou. Não havia química alguma entre Santiago e Aira, não se dirigiram a palavra nenhuma vez. Pareciam dois inimigos num ringue. Carlito tentou construir uma narrativa naquela mesa, mas os dois se recusaram a participar da brincadeira. Encontrei inúmeras vezes com o Carlito, posteriormente, mas sempre esqueci de perguntar se houve algum atrito ou se simplesmente uma antiquímica se instaurou no palco, ou mesmo nos encontros pré-mesa. Enfim, não importa. Aira já tem 70 anos, e está cada vez mais perto da morte, como todos os anos, que vemos os dias escorrendo. Em breve serei eu, você, todos. Morrer é natural. Escrever é lutar contra a morte, buscar a permanência no impermanente. Depois do debate,

encarei uma fila quilométrica para pegar autógrafos dele, e saí com um sorriso etéreo e uma pilha de livros.

**LONGE DE CASA**

Oito anos depois mandei-lhe um e-mail, com um convite para um evento, no interior de Santa Catarina. Para minha surpresa, ele aceitou. Eu sabia que só em 2015 ele havia negado diversos convites para vir ao Brasil, para eventos maiores e mais famosos. Mas entendi o motivo de seu fácil aceite: queria uns dias longe de sua casa, numa pequena cidade, onde pudesse caminhar em paz. Jaraguá do Sul é um município do norte de Santa Catarina, incrustada num vale e cortada por rios, com uma variada colonização europeia, que vai da alemã (maioria) à italiana, húngara e polonesa. Com uma população de 180 mil habitantes e uma forte vocação industrial, que a coloca entre as cinco maiores economias do estado e entre as cem do país, é uma típica cidade rica e conservadora do Sul do país, com todos os seus prós e contras (Aécio e Bolsonaro fizeram votações históricas aqui, para meu desespero). Durante nove anos fui coordenador geral e curador da feira do livro da cidade, que ajudei a fundar. Em 2015, ano em que resolvi me aposentar do evento, convidei Aira para essa conversa sobre sua obra. Obviamente, falei que era seu fã, e listei meus livros prediletos dele, para que tudo soasse razoável, e não um delírio de um jovem escritor interiorano. Naquele

ano Aira fora indicado ao *Man Booker Prize International* e enfim começaram as rumações sobre um improvável, mas não impossível, Nobel.

*Querido Carlos*

*Perdón por la demora en responder, pero estaba viajando. Muchas gracias por la invitación. La acepto con mucho gusto. Será un placer asistir a su Feria, y conocer Jaraguá do Sul. La fecha que usted disponga estará bien para mí, el 15 por ejemplo. Sólo que querría pasar tres días o más en la ciudad, para recorrerla un poco (yo puedo pagar los días extra en el hotel). Por supuesto, a mi edad no se pueden hacer planes con mucha anticipación, pero espero estar bien de salud para junio. Le mando un abrazo. C.A.*

#### ÓTIMO ANFITRIÃO

Na mesma tarde em que recebi a resposta, imbuído de um espírito sedutor e negociante, me engalfinei com o setor de reservas do hotel e com alguns restaurantes para ampliar as permutas já firmadas, e conseguir diárias e almoços extras para nosso ilustre convidado, o primeiro internacional do evento. Com tudo acertado, fiz a seguinte proposta: ele viria no sábado, dia 13 de junho, falaria no dia 15 e retornaria no dia 20, no sábado seguinte. O resultado foi que, durante os dias em que Aira esteve em Jaraguá do Sul, fui um péssimo coordenador geral do evento, mas um ótimo anfitrião. Minha principal missão era almoçar e jantar todos os dias com ele (às vezes outros convidados

se juntavam a nós, como o Ilan Brenman ou a Fernanda Takai). No Brasil, em 2015, era possível encontrar apenas sete livros seus traduzidos: *Como Me Tornei Freira* (deste fiz a orelha, como *ghost writer*), *Um Acontecimento na Vida do Pintor Viajante*, *As Noites de Flores*, *A Trombeta de Vime*, *Haikus*, *Pequeno Manual de Procedimentos* e *Nouvelles Impressions du Petit Maroc*. Muito pouco se pensamos que na época ele já tinha mais de 80 livros (a maioria no meio do caminho entre o conto e a novela) de ficção publicados e pelo menos oito de ensaios. Como Santa Catarina faz fronteira com a Argentina e voos diretos de Florianópolis para Buenos Aires eram relativamente baratos, consegui através dos anos comprar uma boa parte dos seus livros. Ele provavelmente sabia que lidaria com um aireano quando chegasse, e que isso era estranho, e divertido, e misterioso (como sua literatura). Mas como ele mesmo já afirmou, “...o escritor procura o mistério tal como o animal, o organismo biológico, busca a perpetuação de sua espécie. O mistério de um autor é sua garantia de pertencer à essência interna da literatura, misteriosa porque não possui exterior” (“El Ingenuo”, sua conferência no Colóquio Manuel Puig, em 2000).

Desembarcou em Florianópolis na tarde do dia 13 de junho, e um motorista o trouxe até o norte catarinense, numa viagem de aproximadamente três horas. Na noite de sua chegada, fomos ao Casarão, um restaurante e pizzaria que fica ao lado do principal rio da cidade. Sugeri um vinho tinto,

um bom e velho Malbec argentino. Ele declinou e disse que estava bebendo apenas vinhos brancos, da uva *chardonnay*, e por sorte a casa tinha alguns rótulos interessantes da casta. Pediu um caldo de peixe, e eu, um risoto. Lembro, ainda, no pantanoso terreno da memória, do garçom inconveniente, que ao perceber que Aira era argentino, fez piadinhas do futebol (como se depois do 7 x 1 o brasileiro tivesse ainda o direito de fazer piadinhas). Naquela noite, como boas-vindas, presenteí-o com as obras completas do simbolista Cruz e Sousa (que ele já conhecia e admirava) e do Manoel Carlos Karam, ótimos produtos *made in SC* para exportação. Ele me falou de sua admiração por João Gilberto Noll, Sérgio Sant’Anna e Dalton Trevisan, que considerava os três grandes escritores brasileiros vivos (hoje somente os dois últimos estão vivos). Aira é um grande admirador o Brasil: da geografia, da cultura, da simpatia. Ele se divertiu quando contei como o descobri: no início dos anos 2000, eu passava minhas noites atrás de um balcão de recepção de hotel em Balneário Camboriú, cidade turística do litoral catarinense. Era uma época divertida, sobrava tempo para ler e escrever nas madrugadas sombrias que eu passava na recepção, e muitos hóspedes sul-americanos esqueciam livros — muita porcaria, mas também coisas que foram muito importantes para minha formação, como Augusto Monterroso, Mario Levrero, Pablo Palacio, Onetti e, claro, César Aira. Aproveitei (não resisti) o momento e também lhe dei um livro meu de contos, que tinha uma epígrafe dele, discorrendo sobre o conto, o tempo e Copi. Deixei-o no hotel, mas não entrou. Acendeu um cigarro e ficou observando os carros.

#### A SUPREMACIA CHARDONNAY

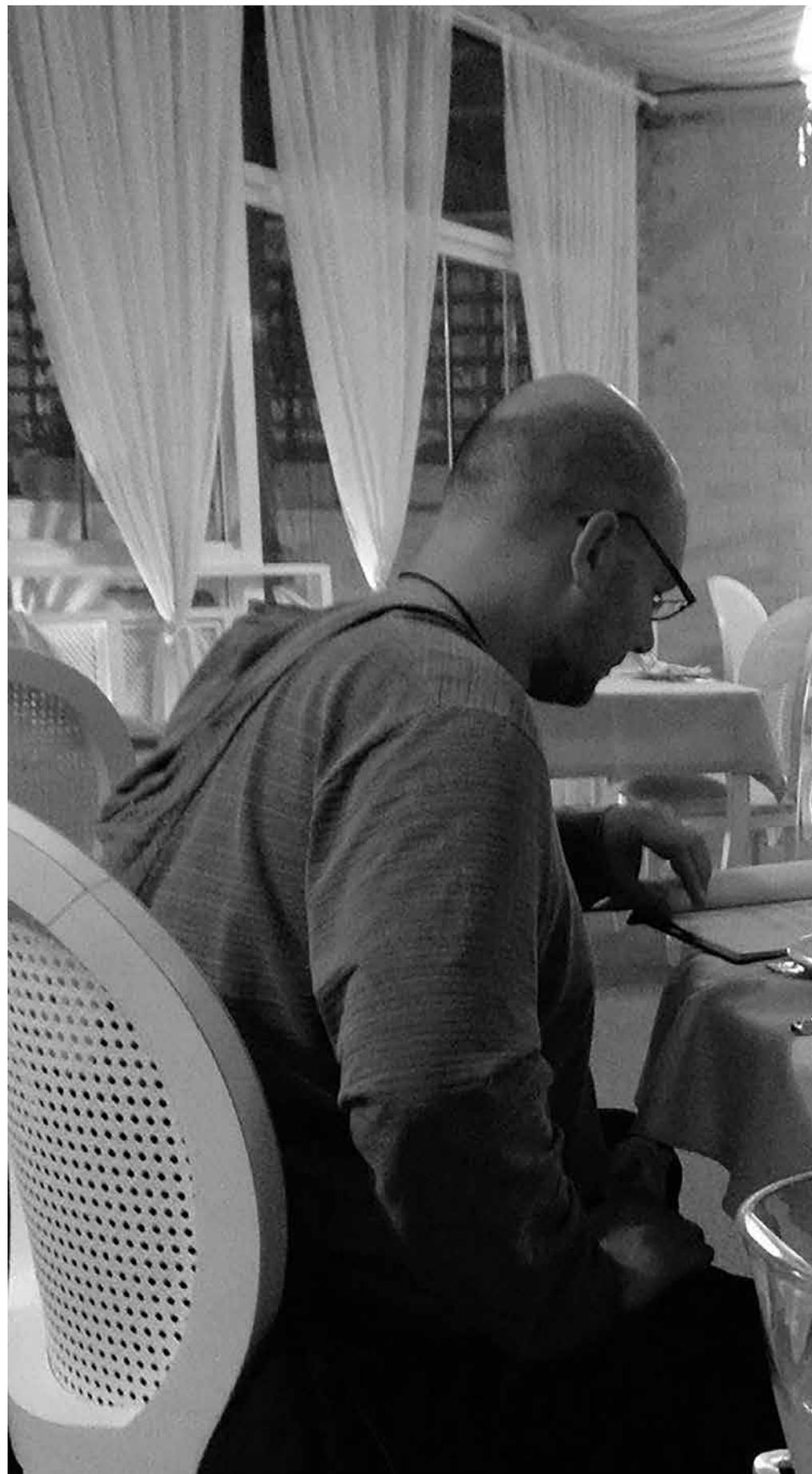
Segundo fontes seguras (os recepcionistas do hotel), ele acordava todos os dias bem cedo, tomava seu café com calma, comia muitas frutas, saía para caminhar por pelo menos uma hora e voltava muito bem-humorado. Tentei levá-lo cada dia num restaurante diferente, ao meio-dia e à noite, e sempre tomávamos uma garrafa de *chardonnay*. Inclusive provou e aprovou os *chardonnay* catarinenses, produzidos nas regiões mais frias do país, na serra catarinense, em altitudes superiores a 1.200 metros. Quando o papo estava bom, geralmente à noite, avançávamos para a segunda

## MEMÓRIA LITERÁRIA

ou terceira garrafa. As permutas com os restaurantes não incluíam as bebidas, então fui empilhando essas garrafas no meu cartão de crédito: um ato de extrema imprudência, ainda mais para alguém com dois filhos pequenos (Uma garrafa de vinho = 30 fraldas). Mas eu estava tomando *chardonnays* com César Aira! O papo geralmente saía do literário e ia para o pessoal. Falou de seu filho, quadrinista, que era um bom festeiro, da doença da esposa, dos seus amigos, e tinha algumas pequenas piadas também. Perguntei quais autores contemporâneos argentinos que ele lia e admirava. Respondeu que era principalmente o Pablo Katchadjian: “Talvez porque o que ele escreve se parece com o que escrevo”, e deu uma risada. Estava pensando na continuação do livro *Um Acontecimento na Vida do Pintor Viajante*, com o pintor Rugendas já na França, mas lembrando de sua passagem pelo Brasil. Meus olhinhos brilharam, ele percebeu. Rugendas era um protegido do naturalista Alexander Humboldt, e comentei com ele que a cidade vizinha chamava-se Hansa Humboldt até 1944, em homenagem ao alemão. Mas a história não lhe interessou muito e já engatou outro assunto: disse-me que se alguém quisesse encontrar todos os seus livros, só há um lugar no mundo que os vende: a livraria La internacional Argentina, na Villa Crespo, em Buenos Aires. Lá também funcionava a sede da Mansalva, editora independente que vinha publicando alguns títulos seus. Perguntei de suas leituras: estava relendo cada vez mais Shakespeare, Kafka, Proust, Borges, mas também literatura policial (sobretudo inglesa) dos anos 1930 e 1940.

**O REAL E A FICÇÃO**

Outra coisa que me impressionou: sua sinceridade. Polido, porém direto. Quando fomos a uma churrascaria e a carne não estava boa, disse sem pestanejar (só para a minha cara mesmo levar um argentino numa churrascaria). Quando saiu para passear e visitou um museu sem grandes atrações, disse que era “pobre, nada demais”. Mas elogiou as paisagens da cidade, o verde, os morros, os rios, o teatro onde foi o debate. Aliás, o debate foi ótimo: informal, divertido. Mediado pela jornalista Mariana Sanchez, fluiu tranquilamente, e contou com um bom público para os padrões locais: umas cem pessoas. O professor Joca Wolff, da Universidade Federal de Santa Catarina, que estuda Aira com seus alunos na pós-graduação, trouxe uma pequena turma de Florianópolis. Wolff, que traduziu dois livros de Aira, também nos acompanhou no camarim (onde tomamos uma taça de *chardonnay*, antes da conversa). No debate, Aira soltou uma linda fra-



ARQUIVO PESSOAL / CARLOS HENRIQUE SCHROEDER



Carlos Henrique Schroeder e César Aira durante um jantar

se sobre como a literatura era, para ele, uma forma de não decidir-se sobre o real e a ficção. Isso resume muito bem a postura de Aira diante da escritura, pois sempre foi alguém que escreveu histórias no tom de conto de fadas. Este desprendimento aprendeu no ofício de tradutor de *best-sellers*, durante mais de 30 anos. “Como os editores sempre pagaram a mesma quantia para traduzir a dita literatura séria e a comercial, comecei a preferir a comercial, pois dava menos trabalho e certo divertimento.” Então Aira sempre soube o que não queria para a sua escritura, graças ao seu trabalho de tradutor, mas também ao seu amadurecimento precoce, pois se olharmos as edições da revista *El Cielo*, dirigida por Arturo Carrera e Aira entre 1968 e 1969, já percebemos sua postura diante da literatura: uma convulsão, um espaço de invenção.

Na sua última noite na cidade, fomos ao melhor e mais fino restaurante da cidade. Foi um jantar descontraído, regado a três garrafas de *chardonnay* chileno. A certa altura, quando chegou a garrafa “saideira”, brincou: “Eis um título para um filme *noir* norte-americano: *The Last Chardonnay*”. O enredo era simples: um escritor desaparecia depois de um jantar em sua homenagem, numa pequena cidade brasileira. O principal suspeito era o organizador do evento, um obscuro escritor interiorano. Rimos um bocado. E, de fato, ele desapareceu, mas no dia seguinte, quando voltou para a Argentina, e desde lá nunca mais conversamos, nem por e-mail. Respondendo a pergunta feita na primeira parte deste texto, Aira se encaixa, como Bolaño e Borges, naquilo que chamamos de sagrado e — por que não? — fundador. E aqui me apropriado do termo criado por Damián Tabarovsky: “comunidade inoperante”. Aira bem pode ser o fundador de mais uma comunidade inoperante, pois se encaixa na proposta, o que sua literatura oferece é sua própria inoperância, sua incapacidade de converter-se em mercadoria (para o mercado) e sua resistência a transformar-se em obra (como supõe a academia). Escapa ao plano da eficiência e da plenitude (o campo do mercado), mas também se subtrai ao da codificação (a academia). Suas narrativas delirantes não se encaixam nos termos “conto” e “novela”, são espasmos contemporâneos. Vida. Mas como já escreveu o próprio Aira, “...para que viver, com efeito, por que queremos ser escritores, se o que desejamos é ser Rimbaud?”. ■

**CARLOS HENRIQUE SCHROEDER** é autor da coletânea de contos *As Certezas e as Palavras* (2010), vencedora do Prêmio Clarice Lispector, da Fundação Biblioteca Nacional, e do romance *As Fantasias Eleivas* (2014), sua homenagem para a literatura argentina.

POEMAS | RONALDO CAGIANO

# ESBULHO

Vejo os psicanalistas  
como  
espiões da intimidade  
não pagam pedágio  
nas alfândegas do meu  
medo

É breve o seu reinado  
mas perduram  
as cicatrizes  
de tão autorizada  
intromissão

Continuam vivos  
os meus fantasmas,

não há ataúde  
para os meus espantos

---

# CARNIFICINA

Cada homem  
é essa carne sem nome  
entre uma bala perdida  
e a destroçada esperança  
na diária oficina  
da violência urbana,  
açougue que animaliza  
o rebanho sem norte,  
esperando o corte  
na vitrine fashion da morte  
na cidade derrotada por metástases

e metáforas de sangue  
num escrutínio  
sem sorte

# CHIAROSCURO

*toda a minha noite é um auto de fé.*  
Jorge Vicente

Os dias chegavam-me,  
mas nem sempre claros.

Só a noite,  
pontual  
e inequívoca,  
trazia-me de longe  
os seus fantasmas

Em meio aos flashes  
de uma lua indecisa  
na coreografia  
das nuvens

uma oblíqua incerteza  
dinamitava  
meu espírito insular

# UTENSÍLIO

*E o poema cresce tomando tudo em seu regaço.  
E já nenhum poder destrói o poema.*

...

*E o poema faz-se contra o tempo e a carne.*  
Herberto Helder

Num poema cabe tudo:

a escrita torta da solidão  
os gatos de Hemingway  
os anjos de Rilke  
o verme da fome corroendo os estômagos  
a cólera e o espanto  
a ditadura de deus  
o funeral da tarde  
a obediência dos rebanhos  
o desacato da minha heresia  
a insensibilidade dos poderosos  
a agonia dos refugiados  
a hediondez da corrupção  
a antipoesia de auschwitz  
o tiro que matou lorca  
os suicídios de vargas e sándor márai  
a bomba de hiroshima  
o canal de suéz  
o maio de sessenta e oito  
a primavera de praga  
o discurso de martin luther king  
a terceira margem do rio  
os sertões que nos habitam  
as guernicas contemporâneas  
as baratas de kafka e de clarice  
as carmens de bizet e mérimée  
as metamorfoses da morte  
as armadilhas do destino  
a fecundidade do adeus  
o contrabando da verdade  
a coreografia dos danados  
a arqueologia do caos

.  
.  
.

a escaldante lucidez do verbo

# TEMPO DE BARBÁRIE

Todo conservador é um pulha  
com hemorroidas no olhar  
e flatos no coração:

sua alma funerária  
é assassina de sonhos

---

**RONALDO CAGIANO** é autor dos livros de poemas *O Mundo Sem Explicação* (2019), *Os Rios de Mim* (2018) e *Observatório do Caos* (2016), entre outros. Como contista, lançou títulos como *Eles Não Moram Mais Aqui* (2018) e *Dicionário de Pequenas Solidões* (2006). Os versos publicados pelo **Cândido** fazem parte de *Cartografia do Abismo*, ainda inédito, com lançamento previsto para 2020.

CONTO | TEREZA YAMASHITA

## SERPENTES DE AREIA

**C**rânio, mente, tronco e membros inferiores exaustos, eu queria ter a capacidade de ser como uma água-viva imortal (*Turritopsis nutricula*), também conhecida como Benjamin Button, e poder voltar ao meu primeiro estágio de vida. Então, ser MORTAL novamente.

Me arrasto pelo mundo há milênios, como uma serpente que rasteja e se queima, e se congela num deserto de peles secas, medíocres e miseráveis.

Hoje, finalmente a eutanásia foi autorizada. Quando nascemos, deveríamos ter o direito de escolher entre mortalidade ou imortalidade. Eu teria deixado um testamento, e nele, com letras garrafais, devia ter digitado: “NÃO ME RESSUSCITEM”.

Sem o meu consentimento, a vida quase arrancou-me o coração, que ainda não tinha experimentado os desleixos da paixão. Mutilou-me as pernas... E os meus pés ficaram sem rumo, ingênuos, só tinham pisado em caminhos com brisas, sons agudos e palavras amenas.

A minha pele escureceu, quinze por cento do meu corpo sofreu a carbonização dos tecidos, e em alguns lugares as queimaduras foram profundas, chegando até os ossos. Queimaduras de terceiro grau, o odor da dor nunca mais saiu das minhas narinas e entranhas. Por sorte ou azar, o meu rosto ficou intacto.

Eu me recordo nitidamente: me sentia extremamente excluída, afinal, as minhas pernas originais, que não eram tão bonitas plasticamente ou geneticamente falando, mas me pertenciam e faziam parte de mim, foram substituídas por duas próteses mecânicas, na época, de última geração.

Todos aqueles olhares ímpares, de dó e rejeição, faziam o meu coração artificial bombear mais rápido e as minhas sinapses se agitarem como numa tempestade de areia, e a minha pele enrugada conseguia ficar arrepiada.

Comecei a me isolar como um caramujo em sua casca. Odiava ser meio-humana. O pós-humano propriamente dito ocorreu depois de muitas décadas. Eu era uma privilegiada, tinha muitos recursos financeiros que herdei da minha segunda mãe. Ela derreteu como sorvete de choco-

late no mesmo acidente de avião. Às chamas e às lâminas pontiagudas dos destroços, infelizmente, eu sobrevivi. Renasci ou me perdi?!

Com apenas vinte anos, eu já era uma pós-humana e órfã de duas mulheres. Órfã de uma das minhas mães, pois a minha outra mãe, a que terminou de me criar, era uma louca, uma desvairada, mas que me amava do seu jeito. A desatinada dizia que a minha depressão vinha das minhas pernas biônicas, por serem tão asquerosas e desagradáveis. Sim, ela usava essas palavras ao se referir a elas. Ana nunca mais tocou no nome da minha outra mãe. Os seus lindos, agora opacos, olhos de safira a culpavam, afinal Ana pediu que não viajássemos. Nada muda o silêncio. Ecos vagos.

Decidida a me curar desse constrangimento físico, eu não saía mais dos complexos centros cirúrgicos, me usavam como cobaia em experiências científicas que eram patrocinadas por Ana, mas com a minha herança. E, assim, percorremos o mundo para solucionar a minha suposta doença estética visual. Acho que foi numa dessas idas e vindas que acabei me tornando friamente imortal.

Com certeza, depois de milhares de procedimentos, as minhas longilíneas pernas ficaram lindas, e sexualmente sugestivas. E os poucos centímetros de pele saudável do rosto — a parte mais forte da expressão da minha dor humana, que ainda restava, foi arrancada —, foram quase

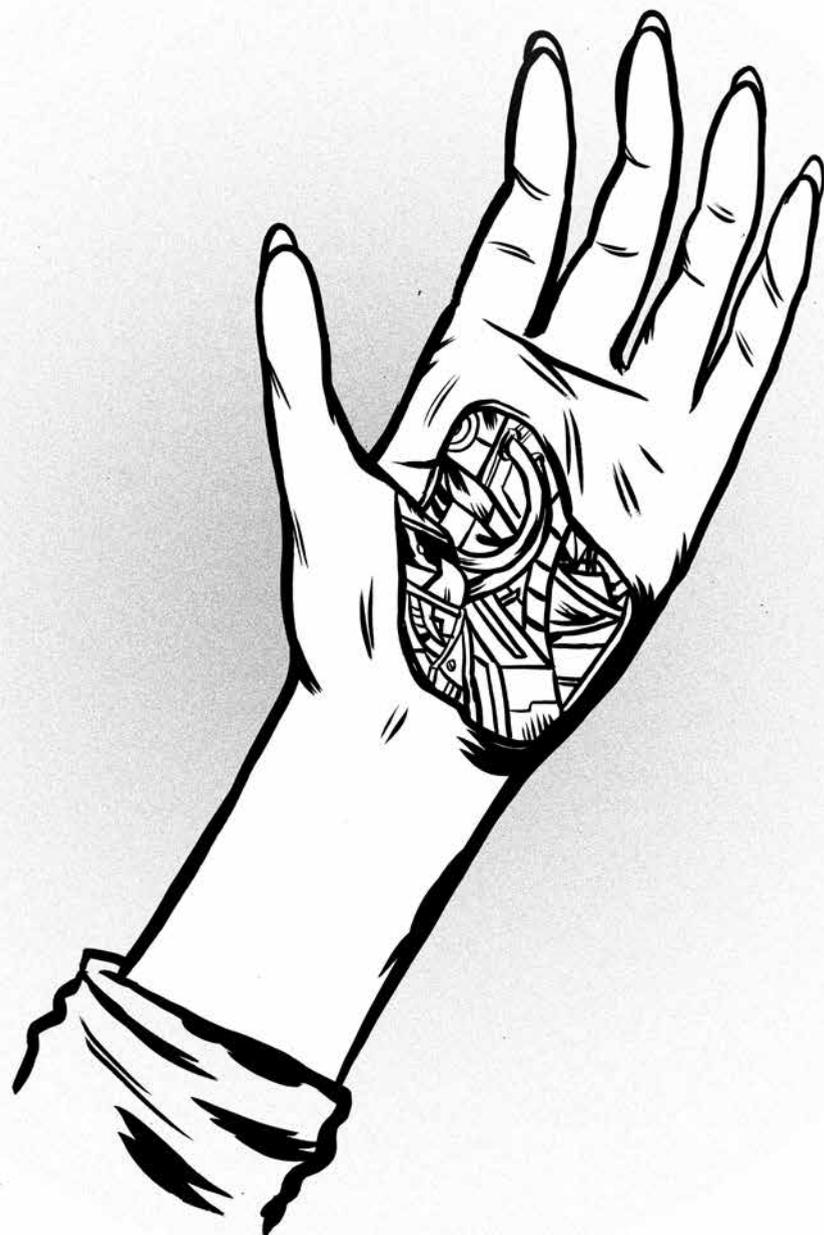
que totalmente substituídos por outra, lisa e perfeita. A minha máscara original ruiu.

Sim, fiquei parecida com uma modelo de revista virtual. Claro, nos moldes culturais da estética da época, e da minha mãe. Eu não era mais a garota ingênua que gostava de música eletrônica e *e-books*. Não conseguia me reconhecer, me olhando no espelho holográfico. Virei um animal irracional? Aliás, eu nunca mais me vi refletida em espelhos. Meus olhos, que ainda eram meus, se recusavam a tal visão artificial.

Minha mãe conseguiu, estava orgulhosa de si, havia se realizado através de mim. Uma beleza que ela nunca tinha conseguido atingir com as suas tresloucadas cirurgias plásticas. Não me lembro mais como eu era, quando orgânica. Nunca mais tirei *selfies* e deletava todas as fotos que a minha mãe clicava ou tinha clicado. Depois de certo tempo, eu desisti, e me entreguei às tristes e solitárias sandices da minha mãe.

Muita coisa mudou, pra pior... pra melhor... Não existem mais guerras, todos os recursos minerais foram esgotados. A água, como as informações, passou a valer milhões de *bitcoins*! Infelizmente, nada é perfeito, surgiu outro tipo de guerra, a da inteligência, e acreditem, é pior do que as guerras antigas, em que o humano era dizimado pela violência física. Quase todas as doenças foram erradicadas, e o humano venceu a morte,

ILUSTRAÇÃO: DW RIBATSKI



conquistamos a tão sonhada imortalidade, o *mind upload*.

Com essa nova tecnologia, eu comecei a trocar de cascas infinitamente, como se elas fossem uma droga alucinógena, que me davam prazer de estar numa mesa cirúrgica e ser transformada, mutilada novamente. Foram mais de mil vezes, talvez, perdi a conta.

No tédio desta imortalidade, e no ódio que sentia da primeira cas-

ca que a minha mãe me fez vestir como uma camisa de força, eu experimentei todas as peles possíveis, troquei de sexo várias vezes, mas o tédio infinito sempre me habitou e me corroeu.

Sempre falta algo, qual a parte que falta desta infinitude? Será que estou querendo salvaguardar a existência humana? No meu desequilíbrio artificial, eu até criei a minha própria teoria da imortalidade. Você

pode compreender, ou consegue imaginar, ou se colocar no lugar de quem é imortal? Consegue sentir empatia por esta divindade?

Esta sou EU, ou fui EU? Já tentei de várias formas me deletar... me aniquilar. Vocês nem imaginam quantas tentativas de suicídio frustradas eu já cometi.

É impossível... gerações anteriores falavam de ressurreição após a morte, de almas e do céu e do inferno. Sempre achei ridículas todas essas teorias e superstições, mas hoje gostaria que alguma delas existisse e me tirasse deste limbo de ciclos, deste labirinto arenoso sem fim, deste sonhar acordado... Continuo me sentindo como uma serpente que se arrasta e se queima, e se congela num deserto de peles secas, medíocres e miseráveis.

Já vivi tanto e estou tão exaurida. Crânio, mente, tronco e membros inferiores estão no seu limiar. Mas, voltando à minha teoria, imaginem que no pós-futuro exista uma superpopulação de peripatéticos: mendigos e loucos vagando pelo planeta e pela galáxia. Serão os pobres coitados que não tiveram a sorte de nascer em famílias abastadas, ou não conseguiram uma carreira política que os tornasse milionários? Será? Eu me questiono repetidamente.

Enfim, a minha teoria é que tudo isso não passa de uma farsa, um drama ou um monólogo futurista fora do tom. Me refiro aos mendigos moradores de rua, os sem-teto, loucos e drogados. Na minha tese eles são iguais a mim, IMORTAIS, e se cansaram desta jornada com heróis e heroínas brincando de Pollyanna. Preferiram a liberdade ilusória, o inconsciente sem freios. Vida ignóbil. Jogaram tudo para o alto e apertaram o botão do FODA-SE.

Será que consigo fazer o mesmo? Ganharei esta misericórdia? Novamente alguém terá pena de mim (um ser em farrapos, como os mendigos e os paranoicos), através da minha súplica? Eu conseguirei um olhar ímpar novamente? Compaixão? E ainda me sinto como uma serpente que rasteja e se queima, e se congela num deserto de peles secas, medíocres e miseráveis. ■

---

**TEREZA YAMASHITA** é escritora e artista gráfica. Publicou diversos livros infantojuvenis, como *Troca de Pele* (2009) e *Dias Incríveis* (2006). Participou, neste ano, da antologia de ficção científica *Realidades Voláteis & Vertigens Radicais*. Como designer, produz capas de livros e colabora regularmente com o jornal de literatura *Rascunho*.

ENSAIO

# CLIQUESES DA FLIBI

A Biblioteca Pública do Paraná realizou entre os dias 22 e 26 de outubro a terceira edição da Flibi, a Festa Literária da Biblioteca. A programação do evento contou com mais de 40 convidados e 50 atrações – entre palestras, debates, oficinas, exposições, sessões de cinema, atividades para crianças e apresentações de música e teatro. Pela primeira vez, as ações aconteceram também fora da BPP: no Museu da Imagem e do Som, no Museu Casa Alfredo Andersen, na Praça 29 de Março e em outros cinco municípios do estado – Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu. Veja a seguir um resumo da programação, nos registros dos fotógrafos Amarildo Henning e Guto Andrade.

AMARILDO HENNING



AMARILDO HENNING



Ilana Lerner, diretora da BPP, na abertura oficial da Flibi

AMARILDO HENNING



O Secretário da Comunicação Social e da Cultura, Hudson José, fala na abertura da Flibi

AMARILDO HENNING



André Sant'Anna ministrou a oficina Conto Não Conto

GUTO ANDRADE



Marçal Aquino

GUTO ANDRADE



GUTO ANDRADE



Fernando Paixão

ENSAIO

AMARILDO HENNING

Kenni Rogers lendo Dalton Trevisan



AMARILDO HENNING



Serginho Smith,  
da Trupe Periferia,  
declama um texto  
autoral

AMARILDO HENNING



Eliane Robert  
Moraes

AMARILDO HENNING



Geraldo Magela

AMARILDO HENNING



Fabiano Vianna e Simon Taylor ministraram o curso de desenho para crianças Curitiba Poty

AMARILDO HENNING



Charme Chulo

AMARILDO HENNING



Paulo Cesar de Araújo

AMARILDO HENNING



Encenação da peça *O Malefício da Mariposa*

AMARILDO HENNING



Luci Collin

AMARILDO HENNING



Contação de histórias na Seção Infantil da BPP

POEMA | CAROLINA BRAGA FERREIRA

# [SOBRE OUVIR AS VOZES DE NOSSAS MULHERES]

*mulheres negras não se suicidam, digo à minha prole  
ainda que lavem o arroz aos prantos, não se suicidam  
elas são mortas  
antes que pensem no sono letífero, voluntário e induzido  
pelas mãos de seus companheiros, violadas amorosamente  
pelos pedestres másculos desconhecidos, expostas à estranheza  
são mortas por quem ao lado delas dorme, ainda estando quentes do sono, do tecido de  
cobrir corpo, do sexo animalesco e sem consento, da cólica noturna decorrente do sangue  
menstrual — aviso prévio, presságio  
ou pelos trabalhadores evangélicos que acordam às seis da manhã e as fazem apertar os  
passos na rua escura, a caminho de seus trabalhos  
são arrancadas do sopro-vida sem que saibam, ou bem quando pressentem o homicídio  
hediondo fadado  
antes que pensem em suicídio, são dadas como mulas abatidas, enquanto lavam as batatas  
para o almoço, nas casas de madames, e são apalpadas pelas mãos inimigas dos senhores de  
mansão  
à minha prole  
explico que mamãe tem contato diretamente com Deus ou com o Diabo — um só não bastaria  
na proteção  
perpetuar o sangue resiliente de minhas mulheres, das filhas minhas que vieram de meu  
útero  
na última noite de verão  
perpetuar o sangue resiliente de todas as mulheres negras  
é viver  
sem que ontem não se morra  
sem que amanhã não se vá  
viver com que se conta  
hoje  
à prole minha de mulheres futuras  
— sobre o sangue melânico de mulheres passadas —  
conto-lhe que toda história só é história porque houvera fatalidade seletiva.*

---

**CAROLINA BRAGA FERREIRA** é poeta, fotógrafa e artista visual. Seu portfólio pode ser acessado em [ferreiratcarolina.format.com](http://ferreiratcarolina.format.com).

